

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS

JOSIANE CRISTINA DUARTE

A ajuda mútua como princípio organizativo na cozinha comunitária do Morada Nova em  
Uberlândia, Minas Gerais

Uberlândia

2023

JOSIANE CRISTINA DUARTE

A ajuda mútua como princípio organizativo na cozinha comunitária do Morada Nova em  
Uberlândia, Minas Gerais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Gestão e Negócios da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Administração

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Miranda

Uberlândia

2023

JOSIANE CRISTINA DUARTE

A ajuda mútua como princípio organizativo na cozinha comunitária do Morada Nova em  
Uberlândia, Minas Gerais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Gestão e Negócios da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Administração

:

Uberlândia, 22 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rodrigo Miranda (FAGEN – UFU)

---

Profa. Dra. Miriam Tiemi Takimura Oliveira (FAGEN – UFU)

---

Profa. Dra. Rafaela Cruz Barbieri (FAGEN – UFU)

## RESUMO

Diante da situação de desigualdade social e econômica no Brasil, o que se tem como resultado é um cenário de pobreza e insegurança alimentar. Por esse motivo, a economia solidária ressurge como uma possibilidade de amenizar essa situação. A economia solidária é organizada por pessoas da própria comunidade com o objetivo de alimentar a população necessitada e ajudar a resgatar a dignidade e esperança desses cidadãos. A cozinha comunitária é mantida por doações e ajuda da comunidade, com mulheres saindo de suas casas para proporcionar o bem-estar das pessoas carentes. O movimento tomou força por conta da pandemia, que aumentou a vulnerabilidade de muitas comunidades. O texto destaca a importância de viabilizar o aproveitamento das perdas e conter a insegurança alimentar, bem como propiciar alternativas de trabalho para aqueles menos favorecidos. O artigo apresenta como problema de pesquisa a seguinte questão: como funciona a cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? Busca identificar e compreender os princípios da ajuda mútua e da solidariedade que a mantém. O movimento da economia solidária surge como uma possibilidade de enfrentar a desigualdade econômica e social no Brasil, e a cozinha comunitária é uma forma concreta de organização e solidariedade entre as comunidades para enfrentar a insegurança alimentar e a pobreza. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, no formato de estudo de caso, no qual as ferramentas metodológicas utilizadas para obter informações foram: Observação não participante, análise documental e entrevistas. A pesquisa documental foi feita a partir de notícias em jornais, revistas e vídeos que saíram na mídia local a respeito das atividades das cozinhas comunitárias. Por fim, considera-se que mesmo sem a ajuda do Governo ou Estado, as cozinhas comunitárias vêm se mantendo com a cooperação de voluntários e doações de instituições que promovem campanhas e atividades visando amenizar o problema da fome e da miséria no Brasil contemporâneo.

**Palavras-chave:** cozinha comunitária; ajuda mútua; solidariedade; projeto social; pobreza; princípios organizativos

## ABSTRACT

Given the situation of social and economic inequality in Brazil, the result is a scenario of poverty and food insecurity. For this reason, the solidarity economy re-emerges as a possibility to alleviate this situation. The solidarity economy is organized by people from the community itself with the objective of feeding the needy population and helping to rescue the dignity and hope of these citizens. The community kitchen is maintained by donations and help from the community, with women coming out of their homes to provide for the well-being of needy people. The movement has gained strength because of the pandemic, which has increased the vulnerability of many communities. The text highlights the importance of making it possible to make use of the losses and to contain food insecurity, as well as to provide work alternatives for those less fortunate. The article presents as a research problem the following question: How does the community kitchen of Morada Nova work in the city of Uberlândia-MG? It seeks to identify and understand the principles of mutual help and solidarity that sustain it. The solidarity economy movement emerges as a possibility to face economic and social inequality in Brazil, and the community kitchen is a concrete form of organization and solidarity among communities to face food insecurity and poverty. This is a qualitative research, in the format of a case study, in which the methodological tools used to obtain information were: Non-participant observation, document analysis, and interviews. The documentary research was done based on news in newspapers, magazines and videos that appeared in the local media regarding the activities of community kitchens. Finally, it is considered that even without government or state aid, the community kitchens have been maintained with the cooperation of volunteers and donations from institutions that promote campaigns and activities aimed at alleviating the problem of hunger and poverty in contemporary Brazil.

**Keywords:** community kitchen; mutual help; solidarity; social project; poverty; organizational principles

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>ANARQUISMO, AUTOGESTÃO E ORGANIZAÇÕES SUBSTANTIVAS.....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>AJUDA MÚTUA EM ORGANIZAÇÕES SOLIDÁRIAS.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>15</b>
<b>6</b>	<b>CONHECENDO A COZINHA COMUNITÁRIA DO BAIRRO MORADA NOVA, UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>7</b>	<b>ANÁLISE DO CASO FRENTE À TEORIA DA GESTÃO E OS PRINCÍPIOS ANARQUISTAS DE AJUDA MÚTUA E SOLIDARIEDADE.....</b>	<b>22</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
	<b>TABELA ENTREVISTAS .....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário atual em que o Brasil passa, de grande desigualdade social e econômica surgem projetos que amenizam essa situação. No Brasil a economia solidária ressurgiu por volta dos anos 80, onde diversas organizações se juntaram para compartilhar as suas experiências, empresas falidas e recuperadas pelos seus trabalhadores, grupos e associações comunitárias de caráter formal e informal, associações e cooperativas constituídas por agricultores, movimentos sem terra, movimentos sem teto, associações e ONGS.

De acordo com a Folha de São Paulo (2022), o Brasil passou por um aumento expressivo nos níveis de pobreza e insegurança alimentar, especialmente com o início da pandemia de Covid-19. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), 47,3 milhões de brasileiros terminaram o ano de 2021 na pobreza, o equivalente a 22,3% da população total. Um resultado alarmante dessa pesquisa é o da pobreza infantil: são 19 milhões de crianças e adolescentes (de zero a 17 anos), cuja continuidade nos estudos e aprendizado, e o conseqüente desenvolvimento pleno como cidadãos, ficarão comprometidos.

Quando falamos sobre fome e miséria, podemos citar uma pessoa que fez a diferença na sociedade. Herbert José de Souza, conhecido como Betinho, foi sociólogo e ativista dos direitos humanos no Brasil. Um dos movimentos de destaque criado por Betinho foi a “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, que mesmo sem a ajuda do governo arrecadava e distribuía alimentos para a população carente, fundada em 1993. Em 1995, a Ação da Cidadania passou a priorizar a luta pela democratização da terra como forma de combater a fome e o desemprego. A frase “Quem tem fome tem pressa”. Essa frase é uma das que mais representa o seu legado, um homem de grande atuação em trabalhos sociais no Brasil. No entanto, a fome passou novamente a ser uma questão importante na vida de muitos brasileiros que sentiram na pele o retrocesso econômico e o colapso social que se agravaram nos últimos anos.

No Brasil contemporâneo, os movimentos auto-organizados e de ajuda mútua estão nas periferias. O Movimento Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), e associações e ONGS como a Central Única de Favelas (CUFA) resgatam princípios importantes como a solidariedade, participação e apoio mútuo. Masson (2021) descreve o movimento das cozinhas solidárias do MTST no município de Uberlândia, Minas Gerais. A reportagem segue dizendo que são ao todo 7 cozinhas comunitárias no município e que elas fornecem mais de 2.000 marmitas diariamente.

Outras iniciativas surgiram nas periferias com o intuito de prover comida aos que têm fome. No entanto, por serem ações que estão longe dos centros de discussão e vistos como ações menores e sem importância acadêmica, acabam ficando escondidos nas margens da sociedade, nas periferias dos municípios. As iniciativas existem e estão aí. Muitas vezes precisam do apoio da comunidade na forma de doações e orientações. Dessa forma, surge o problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser enunciado da seguinte forma: como se dá o funcionamento da cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? O objetivo principal é conhecer, identificar e compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade.

O trabalho está estruturado em cinco partes além desta introdução. Nas partes dois e três são apresentados os conceitos da autogestão e as organizações substantivas de inspiração anarquistas e o conceito de ajuda mútua em organizações solidárias. Depois, é apresentado os aspectos metodológicos do trabalho e na sequência conta-se a história da cozinha comunitária do bairro Morada Nova no município de Uberlândia-MG. Com isso espera-se esclarecer como as ações de ajuda mútua e solidárias conseguem realizar suas atividades sem o aparato estatal, mas com o apoio da comunidade local.



## 2 ANARQUISMO, AUTOGESTÃO E ORGANIZAÇÕES SUBSTANTIVAS

O assunto autogestão, ajuda mútua, cooperativismo estão relacionados com autores desde o século XIX. Estes autores, defendiam a ideia de viver em uma sociedade com a ausência de um mestre e um soberano. De acordo, como ele, o anarquismo é uma teoria política que surgiu com o político francês, e foi bastante divulgado pelo Russo "Mikhail Bakunin". Suas características são a suspensão do estado e a eliminação do sistema capitalista. Proudhon foi um dos primeiros a se declarar anarquista. Foi Membro do Parlamento francês e oriundo de uma família de pequenos burgueses na França. Ele criticou o Estado nas organizações políticas e na propriedade. Segundo ele, a propriedade é o símbolo maior do capitalismo e assim o maior motivo da desgraça humana, e o Estado seria apenas o aparato repressivo para a existência dela (PROUDHON, 1988).

O anarquismo, assim, seria uma filosofia política que pode despertar no homem a consciência de si mesmo e se opõe a três grandes opressores: a propriedade privada e o estado. Goldman (1911) acrescentaria a religião nessa equação. Para ela, todas as formas de governo estão vinculadas à violência e são erradas e perigosas, assim como desnecessárias. Havel (1911), coloca que Estado e mercado são considerados as formas superiores de organização, mas que tem por finalidade a manutenção da exploração entre ricos e pobres, proprietários e não proprietários. Sobre o problema da fome Goldman pronunciou em seu famoso discurso de 1983 em Nova York: “Proteste diante dos palácios dos ricos; exija trabalho. Se não te derem trabalho, exija pão. Se eles negarem ambos, tomem o pão”.

Apesar do tom combativo, Goldman (1911) discute que a organização é o agrupamento natural e voluntário de energias que vão assegurar resultados benéficos para a humanidade. A função organizacional é o desenvolvimento e o crescimento da personalidade dos indivíduos, de maneira não autoritária e não violenta. Organizações são compostas por individualidades conscientes e inteligentes. E ela via que era possível a existência de organização sem disciplina, medo ou punições e sem o medo da pobreza, da miséria e da fome. Esses posicionamentos políticos ficaram esquecidos em meio à vitória política do campo liberal e se tornaram menores nas discussões atuais sobre as organizações, visto que o modelo e a lógica empresarial passaram a ser o modelo predominante.

Nos estudos organizacionais críticos Parker, Fournier e Reedy (2007) apresentam um dicionário de alternativas como tópicos que salientam a diversidade organizacional que vão

além da empresa capitalista. Os vários verbetes chamam atenção para elementos do cotidiano social nos quais a solidariedade, a participação e o voluntarismo estão presentes. Parker, Cheney, Fournier e Land (2014) escreveram um texto importante que destacam as características de organizações alternativas ao sistema capitalista. Várias organizações se constituem de forma voluntária, sem hierarquias e sem a opressão do sistema predominante. Por fim, recentemente, Parker, Stoborod e Swann (2020) mostram a importância de apresentar perspectivas críticas para os estudantes de gestão e o fazem trabalhando os conceitos de organização e gestão frente ao conceito de anarquismo.

Nos estudos organizacionais e nos estudos sobre gestão esquecimento, ou minoração, dos estudos que tendem a refletir e buscar entender as questões políticas relacionadas à liberdade, à autonomia e à falta de necessidade de controle sobre os indivíduos (SFERRA, 1987; GREABER, 2004, 2009; WALTER, 2009; WARD, 2014, ANDERSON, 2014). Geralmente, estudos que tem uma orientação crítica e voltado para ideologias políticas críticas ao modelo liberal vigente. São poucos os estudos que abertamente citam o anarquismo no Brasil. Estes geralmente estão relacionados aos estudos críticos de gestão (ALVESSON; WILLMOTT, 2003; PRASAD; PRASAD; MILLS; MILLS, 2016).

Motta (2001) e Paes de Paula et al (2010) nos lembram da tradição crítica nos Estudos Organizacionais. Motta (2001) coloca que Tragtenberg foi um dos fundadores mundiais da teoria crítica, se encaminhando para um marxismo “autogestionário”, influenciado por várias correntes de pensamento, uma entre elas a anarquista. Já Paes de Paula et al (2010) faz uma análise comparativa do movimento europeu consolidado como corrente de estudos através do movimento do *Critical Management Studies*. A tradição crítica no Brasil não é forte, no entanto é representada por pensadores inovadores, a continuidade da crítica no Brasil não gerou tantos frutos como se poderia supor. Se de um lado a Europa se apresenta como um local de tradição humanista, o Brasil se assemelha mais a proposta americana de eficiência e produção com foco nas estruturas, em contraposição ao foco na emancipação humana.

Oliveira e Ferreira (2013) conseguem denunciar que o pensamento e as práticas ideológicas hegemônicas agem com demasiado apego ao cargo e fogem à participação social ativa escapando desta forma à responsabilidade de suas ações e atrelando sua atividade à uma suposta “neutralidade”. Amorim e Brüning (2015) entendem que a crítica, além de possuir seu lugar no campo das pesquisas científicas, cumpre também o papel social de demonstrar que a existência de outros paradigmas (mais elevados) é possível.

Casagrande e Câmara (2011), Cavedon e Oliveira (2013), Cavedon e Chiesa (2015) e Barcellos et al (2017) apresentam exemplos de organizações que possuem em sua constituição a presença de elementos anarquistas, demonstrando que as práticas contra hegemônicas existem, que são possíveis e que existem alternativas ao modelo capitalista vigente. Os estudos são apresentados em um contexto crítico ao sistema. A anarquia, ao invés de caos e desorganização pode levar a formas organizacionais diferentes, tendo os indivíduos como responsáveis e comprometidos com a superação de suas dificuldades através da solidariedade e da ajuda mútua.

Morgan (1996), em seu livro "Imagens de Organização", concentra em apresentar diferentes perspectivas teóricas e imaginativas sobre organizações e seu funcionamento. No entanto Morgan discute o conceito de "Organização sem poder" que pode ser visto como uma ideia central do anarquismo, que busca descentralizar as estruturas hierárquicas, e distribuição do poder dentro de uma organização. Morgan justifica, que embora a abordagem da organização sem poder possa ser atraente, ela pode não ser prática e eficaz em todos os contextos. O autor concorda em alguns aspectos com os autores acima citados, porém não acredita totalmente na ideia.

Segundo Morgan, a organização pode ser vista como um sistema político, onde o poder é distribuído e as decisões são tomadas com base em negociações e coalizões. Neste modelo, há uma ênfase na competição e no conflito, com cada grupo lutando por seus próprios interesses e objetivos. Há também a possibilidade de autogestão, onde os membros da organização têm o poder de tomar decisões e administrar seus próprios assuntos sem a intervenção de uma autoridade central. Este modelo promove a colaboração, a participação e o engajamento dos membros, aumentando sua motivação e satisfação com o trabalho. No entanto, é importante manter um equilíbrio entre a autogestão e a necessidade de tomar decisões eficientes e alinhadas com os objetivos da organização como um todo.

Morgan (1996) ainda acrescenta que as organizações não são apenas máquinas técnicas, mas também sistemas políticos nos quais o poder é exercido de diversas formas. Dentre as fontes de poder, destacam-se a autoridade formal, o controle dos recursos, a estrutura organizacional, o conhecimento e a informação, os limites da organização, a habilidade de lidar com incertezas, a tecnologia, as alianças interpessoais e a organização informal. No entanto, neste trabalho, a ênfase será dada ao controle do processo de tomada de decisão em

organizações autogestionárias. Embora as outras fontes de poder também estejam presentes, elas não serão analisadas neste momento.

Já Singer (2002) analisa a economia solidária no contexto brasileiro, destacando a necessidade de políticas públicas e legislações específicas para o desenvolvimento desse tipo de economia. Ele destaca a importância do microcrédito, da formação de cooperativas e associações e do comércio justo como instrumentos chave para uma economia mais equitativa.

Ambos os autores defendem a economia solidária como uma alternativa ao modelo capitalista e como um meio para combater a desigualdade social e econômica. No entanto, suas abordagens e propostas para o desenvolvimento da economia solidária diferem em alguns pontos.

### 3 AJUDA MÚTUA EM ORGANIZAÇÕES SOLIDÁRIAS

Analisar o fenômeno da ajuda mútua e da autonomia de movimentos solidários é importante na realidade social atual, na qual entende-se que o sistema capitalista não apresenta oposições significativas e que as alternativas foram desacreditadas. Não existe sistema social perfeito e a crescente desigualdade social, gerada pela desigualdade de renda e de oportunidades levaram muitas famílias a situações de miséria e pobreza, sendo colocadas às margens da sociedade. No movimento e na ideologia anarquista encontramos princípios de organização (WARD, 2004) que possibilita a valorização da autonomia, da solidariedade, da ação direta e da ajuda mútua nas comunidades humanas.

A terminologia “ajuda mútua” surgiu com o pensador anarquista Peter Kropotkin, no século 19. Ele formulou a teoria da ajuda mútua em uma de suas viagens de pesquisa para a Sibéria. Lá, ele estudou o comportamento de animais em busca de competição violenta entre eles no mundo selvagem. No entanto, o que ele encontrou foi um sistema de união para enfrentar os problemas enfrentados na natureza. A ajuda mútua é a construção e continuação de relações sociais onde as pessoas conseguem o que precisam, e ajudam os outros do lado de fora do sistema de poder injustos. Embora seja bem parecida com a caridade, não confunda, a ajuda mútua é algo diferente.

O conceito de solidariedade também esteve presente na sociologia do século XIX. Durkheim (1987), sociólogo francês, fez da solidariedade um conceito importante para designar as forças que mantêm unidos os membros de uma coletividade. Quando os indivíduos vivem em sistemas econômicos marcados pela ausência de especialização, entre eles (divisão do trabalho), o que os mantém unidos é a solidariedade mecânica, que, segundo o autor, caracteriza-se pelo compartilhamento de ideias comuns, costumes, crenças, hábitos. Com a divisão do trabalho e a consequente especialização dos trabalhadores, surge a solidariedade orgânica que, como o próprio nome denota, faz que os indivíduos, sendo

interdependentes, comportem-se como um organismo. Os dois tipos sociológicos de solidariedade descritos por Durkheim solidificam a coesão interna e os vínculos existentes entre grupos sociais definidos. Essa forma de solidariedade impõe-lhe limites por restringi-la aos interesses de determinada coletividade.

Para Tragtenberg (2004) o trabalho e suas relações são definidores do indivíduo em sociedade. Para ele o elemento que cria e perpetua a dominação e a desigualdade é a burocracia e sua consequente divisão do trabalho que transforma indivíduos capazes em seres submissos, disciplinados, obedientes e incapazes. Impedindo o exercício da autonomia, sendo

continuamente reprimidos por meio da aplicação de punições ou distribuição de prêmios que reduzem a dignidade humana.

#### 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser enunciado da seguinte forma: como se dá o funcionamento da cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? O objetivo principal é conhecer, identificar e compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde não há uma preocupação em enumerar ou medir os eventos estudados, mas sim em obter dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, buscando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58). Ainda de acordo com (GODOY, 1995) ela aponta a grande variedade de métodos, análises e resultados gerados pela análise qualitativa. Mencionando que muitos pesquisadores qualitativos passam muito tempo no local da pesquisa, trabalhando com observação e entrevistas. Alguns usam filmagens e documentos escritos, e alguns compartilham seus objetivos de pesquisa com os sujeitos, enquanto outros não. Há também diferenças quanto à postura do pesquisador em relação aos informantes, com alguns defendendo uma atitude de empatia e identificação e outros sendo mais neutros.

Inicialmente, buscamos entrar em contato com os encarregados do projeto para obtermos informações sobre a origem e o modo de funcionamento da cozinha comunitária, assim como sobre a forma como eram supridas as necessidades de alimentos para a realização das atividades. Além disso, foi realizada uma ação com as voluntárias que se dedicam à operação da cozinha como forma de reconhecimento de seu trabalho e a importância de sua atuação na comunidade. O processo foi conduzido como uma intervenção pedagógica de cunho prático de uma disciplina de Gestão Social no curso de administração de uma faculdade federal do município de Uberlândia e foi conduzido entre os meses de setembro de 2022 a janeiro de 2023. Que serão descritas na sequência.

## **6 CONHECENDO A COZINHA COMUNITÁRIA DO BAIRRO MORADA NOVA, UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS**

Na disciplina de Gestão Social e Sustentabilidade, foi proposto pelo professor, um trabalho prático, mostrando a realidade da população menos favorecida do bairro Morada Nova no município de Uberlândia-MG. Com o intuito de aproximar os estudantes à comunidade, através de uma ação social junto a uma cozinha comunitária. Mas o que viria a ser uma cozinha comunitária? Era uma ação desenvolvida por moradores do próprio bairro na periferia da cidade, que tem como o objetivo principal o fornecimento de marmitas diariamente às pessoas que se encontram em estágio de fragilidade social ou até mesmo de exclusão.

Os devidos contatos foram feitos e foram procuradas as pessoas responsáveis pela organização da cozinha comunitária. O contato com essas pessoas foi realizado e elas foram convidadas a participarem de uma aula para falarem da ação realizada e como a proximidade com a universidade poderia ajudar. Nesse momento, a dimensão do problema da fome foi colocada como um problema prático para os estudantes. A simples questão da quantidade de arroz necessária diariamente para a manutenção da cozinha. Os representantes disseram que a média diária de consumo do produto na cozinha era de 35 kg do produto. A partir da a conversa esclareceu o funcionamento e a forma de organização da equipe.

A cozinha funciona ativamente de segunda-feira a sexta-feira, sendo o movimento menor no início da semana e maior indo para o final da semana. Esse fato se dá pela atuação de outros agentes comunitários nos finais de semana que fazem com que aconteça a distribuição de alimentos de outras formas variadas, como a entrega de sopas e almoços coletivos. No dia a dia são distribuídas uma média de 190 marmitas, no entanto, esse dado é estimado, pois não existem controles formais.

Uma iniciativa sustentável feita por eles, foi a troca dos marmitex por vasilhas plásticas, fornecida a cada morador atendido pela cozinha que poderiam ser higienizadas e reutilizadas, pela mesma família.

O trabalho na cozinha acontece de forma artesanal sem muitas regras ou orientações, como o representante disse: “se seguissem as regras da prefeitura não poderiam continuar as ações”. As questões básicas de higiene e de preparo de alimentos são respeitadas, no entanto as condições físicas do local são ruins.

As refeições são preparadas por mulheres voluntárias, que saem de suas casas com os seus filhos, percorrem vários quilômetros a pé, ou dependem de transporte voluntário para assim conseguir preparar o alimento para essas pessoas e para os seus filhos, que muitas vezes



não têm o que comer na sua própria casa. A ação apoia a população sem nem um preconceito de raça, religião ou partido político, só enxerga a população como pessoas que estão precisando de ajuda.

Assim, são divididos os trabalhos para duas equipes que se revezam na cozinha semanalmente. Cada equipe tem uma liderança que conduz os trabalhos determinando o que será produzido e quais são as atividades a serem executadas no dia. Geralmente, as mulheres voluntárias na cozinha também são provenientes de situações de fragilidade social e encontraram ali uma forma de atuação na comunidade que vai lhe garantir o sustento para sobrevivência. Além de poderem se alimentar do que produziram ao final do mês, as voluntárias também ganham uma cesta básica para levar para a casa.

Depois da visita, a visão sobre o que seria a cozinha comunitária foi esclarecida. A cozinha é uma ação social espontânea da comunidade da periferia, sem registro formal e atuando de forma precária e provisória. Consegue sua sustentação através de doações da comunidade e da atuação de algumas organizações locais que desde seu início apoiaram a iniciativa. As organizações que apoiam a ação da cozinha comunitária estão ligadas ao movimento sindical, alguma organização religiosa, a movimentos de produtores rurais locais ligados a movimentos camponeses de luta pela terra, entre outros.

Essa ação beneficia famílias que estão localizadas em favelas e periferias de Uberlândia, pessoas que estão desempregadas sem renda fixa e auxílio emergencial. O funcionamento da cozinha se dá em um local cedido pela Igreja Nossa Senhora da Abadia, um local simples com pouca estrutura. Os utensílios como panelas, vasilhas, talheres, fogão, pia e torneiras necessários para o funcionamento foram comprados com o apoio da Central de Movimentos Populares Institucional (CMP).

Os alimentos como verduras e legumes são comprados de assentamentos da Reforma Agrária da região, incentivando a agricultura familiar, e uma renda para essa população. Além dos alimentos comprados, a cozinha recebe muita doação. A relação dos assentamentos com as cozinhas é forte, fazendo com que pessoas do assentamento trabalhem como voluntários na cozinha, pois conhecem a luta e a realidade dessas pessoas.

Em movimentos contra a COVID-19, fala sobre o início de uma ação para beneficiar a população do bairro Morada Nova. Essa nova cozinha foi fundada decorrente de outros projetos que se encontravam em andamento em outros bairros de Uberlândia. A CMP, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Ação Franciscana de Ecologia e Solidariedade (AFES), e com apoio da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU) e

do Sindicato dos Trabalhadores Técnico Administrativos da Universidade Federal de Uberlândia (SINTET-UFU).

Os projetos colaborativos têm se destacado na cozinha comunitária Morada Nova, ajudando a garantir alimento de qualidade e minimizando o desperdício. O Mesa Brasil é um desses projetos que reúne empresas parceiras que doam alimentos excedentes ou fora dos padrões de comercialização, mas ainda próprios para o consumo. A iniciativa tem como foco promover a sustentabilidade e combater a vulnerabilidade social, atendendo crianças, jovens, adultos e idosos em situação de fragilidade socioeconômica. Desde 1994, o Mesa Brasil conta com a colaboração do Sesc, promovendo eventos para arrecadação de alimentos.

Outra importante iniciativa presente na cozinha comunitária Morada Nova é a Central de Movimentos Populares Institucional (CMP). Fundada em 1993, em Belo Horizonte, Minas Gerais, o movimento é resultado de uma longa trajetória de resistência e luta dos moradores das periferias. A CMP também tem uma atuação política, tendo se posicionado em movimentos como o golpe contra a Presidenta Dilma, em 2016, e os protestos contra o governo Bolsonaro na crise da pandemia, em 2021. Para o grupo, a organização coletiva é a chave para uma luta efetiva e duradoura.

Por fim, a atuação da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU), também faz parte desse movimento solidário, apoiando as cozinhas comunitárias. A associação foi criada em um momento em que o país passava por uma conjuntura difícil e assinalada pelo autoritarismo e pela luta dos movimentos sociais que buscavam o estabelecimento de um regime democrático e a liberdade de organização dos trabalhadores. Durante essas três décadas a associação teve um papel importante tanto na política, quanto para a população com seus debates, assembleias, congressos, passeatas e tantas outras atividades em defesa de uma Educação Pública gratuita e de qualidade em todos os níveis e de responsabilidade do estado, e lutando por uma remuneração digna e melhores condições de trabalho para professores e cientistas.

Assim, pode-se ver que a ação que tem seu foco no trabalho de mulheres cozinheiras na periferia do município tem um importante papel de reunir várias organizações sociais que se apoiam mutuamente de forma a garantir que uma ação tão importante não deixe de ser realizada. No entanto, nem todos os dias as pessoas podem contar com o alimento e às vezes a comida falta, mas a boa vontade e a determinação de amenizar o problema da fome não.

Análise das entrevistas com as cozinheiras envolvidas na ação da cozinha comunitária do bairro Morada Nova, Uberlândia-MG.

Posteriormente, no mês de maio de 2023, uma entrevista foi realizada com cinco voluntárias que atuam na Cozinha Comunitária. As perguntas realizadas buscavam explorar mais sobre o trabalho que desempenham na cozinha, suas histórias e motivações para o voluntariado. Durante a entrevista, as voluntárias foram questionadas sobre sua trajetória na Cozinha Comunitária, como se organizam e trabalham em equipe, o que a solidariedade significa para elas, o que mais gostam no trabalho voluntário, além do papel que a cozinha exerce em suas vidas. Todas as voluntárias compartilharam suas experiências como voluntárias, revezando-se no trabalho durante um determinado período de tempo, e a motivação de estarem engajadas nesta causa social, colaborando e servindo a comunidade. Através desta seção da entrevista, busca-se compreender a organização do trabalho na cozinha e como as mulheres conseguem conciliar o cuidado com seus filhos e a dedicação voluntária nesse ofício. É importante compreender os motivos que as levam a oferecer seu tempo para ajudar desconhecidos. Através das entrevistas, pode-se evidenciar o valor da solidariedade e da preocupação com o próximo.

O estudo realizado sobre a cozinha comunitária no Morada Nova Uberlândia-MG permitiu uma abordagem sobre o contexto de ajuda mútua, no qual a colaboração e trabalho em equipe são fundamentais. As entrevistadas 1 e 3 destacaram a importância desses valores na construção de relações sociais mais justas.

Esse tipo de ajuda mútua tem origem em teorias propostas pelo pensador anarquista Peter Kropotkin, no século 19. Durante suas pesquisas na Sibéria, observou que, ao contrário do que se acreditava, os animais não competiam violentamente entre si, mas uniam-se para enfrentar os desafios naturais. Essa troca de apoio mútuo é construída fora dos sistemas de poder injustos e se diferencia da caridade.

Assim, a ajuda mútua é uma forma mais colaborativa e solidária de obtenção do que se precisa, já que une pessoas em prol de um objetivo em comum, em um sistema de relações sociais mais justas e igualitárias.

[...] Cada uma tenta ajudar umas às outras, trabalhar organizado, nós somos uma equipe, aí nós trabalhamos sempre juntas. Às vezes a gente reclama das coisas em casa, e a gente vê muita gente que está passando por situações piores do que o da gente, às vezes a gente reclama de barriga cheia.” (Entrevistada 1)

“A minha história começou assim foi quando eu perdi minha mãe. Quando eu perdi minha mãe, eu me isolei praticamente do mundo.[...] Comecei a ouvir o pessoal, pedir ajuda. Eu comecei ver a situação que o povo passa, eu fui pegando amor. Poder ajudar, né? Poder ajudar o próximo. [...] Sinto bem. A gente aprende muita coisa. E assim, aí aqui, é assim uma ajuda a outra, ninguém faz nada sozinho, ninguém fica sozinha, sabe?” (Entrevistada 3)

As entrevistadas 2, 4 e 5 destacam a importância da solidariedade para o bem-estar humano, incluindo as necessidades psicológicas e a autoestima. Esse conceito também é abordado na sociologia, especialmente por Durkheim (1987), que o utiliza para explicar as forças que mantêm unidos os membros de uma coletividade. Segundo ele, em sistemas econômicos sem especialização, há solidariedade mecânica, baseada em ideias, costumes e crenças comuns. Já com a divisão do trabalho e a especialização dos trabalhadores, surge a solidariedade orgânica, que comporta os indivíduos como um organismo interdependente. Ambos os tipos de solidariedade sólida a coesão interna e os vínculos existentes entre grupos sociais definidos, embora imponham limites aos interesses da coletividade.

[...] É tão bom a gente sente uma felicidade enorme, quando as pessoas vêm e pegam a sua comidinha, e agradece a gente.[...] Solidariedade no meu pensar, é ajudar o próximo, é conversar com alguma pessoa que às vezes está com dificuldades, porque às vezes a pessoa não está precisando ganhar as coisas, ela está precisando de uma palavra amiga. A semana que eu venho eu fico muito feliz. [...]. Mudou muito, ocupou a minha mente.” (entrevistada 2)

“ [...]A gente faz comida com todo amor, [...]Não só me ajudou, como ajuda também, porque a cozinha, de certa forma, me ajuda porque eu levo comida para casa, eles arrumam a cesta pra gente, então é isso aí que eu tô mantendo minha família. Quando chega um morador de rua que fala assim, nossa, estou morrendo de fome, dá uma comida, pelo amor de Deus. Fico dolorida. Se tiver acabado a comida, eu pego na minha marmita. [...]para mim é gratificante. A solidariedade é ajudar o próximo da mesma forma que eu to sendo ajudada. [...]O papel da cozinha na minha vida [...]Veio em uma hora que eu mais precisei e as pessoas que estavam aqui dentro me acolheu. [...] Minha motivação é ver a alegria do povo. Não só de pegar comida, mas também quando chega doações. O sorriso deles, uma criancinha.” (Entrevistada 4)

[...]Sou coordenadora da cozinha. Aqui todo mundo faz um trabalho voluntário, doa o seu momento que esteja disponível. [...]As doação, chega, são todas as pessoas que queiram nos ajudar, ver a nossa dificuldade, a nossa situação. Vem da UFU, da ADUFU, então sim, a gente tem umas pessoas que ajuda, nós temos a Lílian, que é uma das colaboradoras que está sempre juntando. A gente tem muito casal de velhinho que às vezes nem vem aqui para pegar comida, mas vem para bater papo. Então, solidariedade e ajudar o próximo é saber do que ele está precisando, que muitas das vezes a gente acha que a gente, até sendo solidário e eu costumo falar assim, que a solidariedade, que eu pratico, não é para as pessoas. [...]. É pedir a cada vez mais quem puder nos ajudar, que tiver jeito, gente. A minha motivação é pedir, porque se vocês nos ajudam, a gente está ajudando.[...] Porque a fome ainda está aí para qualquer um ver, e a minha motivação é estar com saúde, com força e com sabedoria para continuar aqui.” (Entrevistada 5)

Ao analisarmos as terminologias "Ajuda Mútua", "Solidariedade" e "Autogestão", é possível perceber uma relação direta com o trabalho realizado na cozinha comunitária. Este trabalho nos demonstra que a colaboração da comunidade pode resultar em sucesso, e que a boa vontade e dedicação de um grupo de indivíduos engajados são capazes de efetivar mudanças significativas na vida de outras pessoas. Além disso, a cozinha funciona como um local de acolhimento, onde as pessoas podem conversar e se relacionar. O projeto conta com doações

de pessoas e instituições que veem a importância do trabalho realizado e se dispõem a ajudar. O objetivo é continuar a ajudar aqueles que mais precisam e expandir o trabalho para alcançar cada vez mais pessoas. A motivação dos voluntários é ver a felicidade das pessoas que recebem ajuda e a gratificação pessoal de poder fazer a diferença na vida dos outros. A solidariedade é vista como algo que não é apenas para ajudar os outros, mas também para elevar o próprio espírito. Nesse sentido, pode-se afirmar que a cozinha comunitária está trilhando um caminho promissor para a realização de um projeto de sucesso. Ao entrevistarmos as voluntárias da cozinha, pudemos observar que o trabalho realizado ali é feito com muita dedicação e amor. Essa ação beneficia a todos os envolvidos, demonstrando a organização e a cooperação entre pessoas que buscam proporcionar o bem-estar.

## 7 ANÁLISE DO CASO FRENTE À TEORIA DA GESTÃO E OS PRINCÍPIOS ANARQUISTAS DE AJUDA MÚTUA E SOLIDARIEDADE

A reportagem de Masson (2021) serviu de fonte de inspiração para a pesquisa que se apoiou no fato de existirem no município o número de 7 cozinhas comunitárias que oferecem mais de 2.000 refeições diárias nas periferias.

Os pensadores clássicos do anarquismo (Proudhon, 1840; Goldaman, 1911, Kropotkin, 2009) mostram a importância da superação do estado e da propriedade privada para o pleno desenvolvimento dos seres humanos como autônomos e responsáveis pela vida social. Goldman (1911), Havel (1911) e Ward (2004) compactuam que a possibilidade de existência de uma sociedade na qual não existe autoridade máxima e suprema do Estado e da propriedade, por mais utópico e distante que isso possa parecer. Os autores também destacam a importância da organização nesse processo. Organizações que possibilitam a valorização da autonomia, da solidariedade, da ação direta e da ajuda mútua nas comunidades humanas (WARD, 2004).

Esse é um fato que chama bastante atenção, pois sabe-se que a produção em série desta quantidade de alimentos não é tarefa simples e exige gestão cuidadosa de alimentos e de processos logísticos bem sofisticados. Aqui a importância de salientar a necessidade de estudos críticos de gestão que se preocupam com as organizações alternativas e que fazem a crítica à forma de atuação presentes nas organizações capitalistas.

Nem todas as organizações são empresas. Nem deveriam ser gerenciadas como tais. Existem alternativas e possibilidades de interações humanas distintas e que são importantes para a comunidade também a o engrandecimento do espírito humano.

Figura 1: Ação para mulheres da cozinha comunitária



Fonte: Mariella Paulino Fotógrafa (2023)

Figura 2: Ação para mulheres da cozinha comunitária



Fonte: Mariella Paulino Fotógrafa (2023)

Geralmente as ações de organizações populares provenientes de movimentos que questionam o estado e o mercado, são descaracterizadas e menosprezadas pelos grupos e organizações que ocupam posições centrais. No entanto, em razão de uma política de isolamento urbano, as periferias não se comunicam ou se aproximam com muita dificuldade dos centros urbanos, permitindo que os movimentos conciliatórios ganhem mais espaço físico e midiático de modo a continuar o processo de usurpação.

Figura 3: Ação para mulheres da cozinha comunitária



Fonte: Mariella Paulino Fotógrafa (2023)

Compreender como se dá o funcionamento de tais grupos não seria interessante para o mainstream dos estudos em gestão ou da administração. Nos estudos organizacionais críticos

Parker, Fournier e Reedy (2007) que mostram e exaltam alternativas e que salientem a diversidade organizacional são importantes e necessários. Conhecer outras possibilidades como as destacadas por Parker, Cheney, Fournier e Land (2014) é muito importante para estudantes que veem a gestão e a administração a partir da lógica empresarial. Na verdade, essa lógica é a da opressão do sistema capitalista escreveram um texto importante que destacam as características de organizações alternativas ao sistema capitalista. A organização da rede de ajuda mútua de várias organizações sociais que se constituiu de forma espontânea e voluntária pode ser vista no caso da cozinha comunitária de forma quase que explícita. A forma como a ação se origina e como as pessoas se organizam para arrecadar recursos e atuação dos voluntários e voluntárias só se dá pelo entendimento que as pessoas se organizam de forma proporcionar a ajuda para os mais carentes e necessitados.

Morgan (1996) e Singer (2002), apresentam diferentes perspectivas sobre o funcionamento das organizações, incluindo a ideia de organização sem poder defendida pelo anarquismo, que busca descentralizar as estruturas hierárquicas. O autor argumenta que esse modelo pode ser atraente, mas nem sempre é prático e eficaz em todos os contextos. Ele defende a ideia de que a organização pode ser vista como um sistema político em que o poder é distribuído e as decisões são tomadas com base em negociações e coalizões. O texto também destaca a importância do equilíbrio entre a autogestão e a necessidade de tomar decisões eficientes e alinhadas com os objetivos da organização como um todo. Por fim, o autor destaca a importância de políticas públicas e legislações específicas para o desenvolvimento da economia solidária no contexto brasileiro.

Ao analisar as voluntárias, pode-se observar que na cozinha não existe um vínculo empregatício formal, mas elas seguem uma gestão liderada por uma pessoa mais experiente e engajada no projeto há mais tempo. É notável que as cozinheiras conseguem se organizar de forma eficiente: caso falte algum ingrediente para a refeição planejada, elas substituem por outro alimento disponível, garantindo assim a entrega da refeição para as pessoas que aguardam o almoço.

Para otimizar o trabalho, elas se dividem em duas equipes, que funcionam de forma intercalada, alternando a liderança entre suas coordenadoras. Ademais, as voluntárias tomam a iniciativa de se organizar na ausência de alguma delas, a fim de garantir a continuidade do projeto. Além disso, o cardápio é preparado diariamente com os ingredientes disponíveis, o que exige criatividade e habilidade na hora de preparar as refeições.



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno recente das cozinhas comunitárias parece ter ganhado espaço na discussão sobre a fome que se alastrou novamente por todo o Brasil. Esse movimento é organizado por pessoas da própria comunidade, e tem o intuito de alimentar a população necessitada. Pessoas que se unem com um propósito de resgatar a dignidade e esperança da população, muitas vezes esquecida pela sociedade. O movimento tomou força por conta da pandemia onde centenas de pessoas perderam seus empregos e ficaram em situação vulnerável.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser enunciado da seguinte forma: como se dá o funcionamento da cozinha comunitária do Morada Nova na cidade de Uberlândia-MG? O objetivo principal é conhecer, identificar e compreender a forma como as atividades surgiram e se mantêm através dos princípios da ajuda mútua e da solidariedade.

A cozinha é mantida por doações e ajuda comunitária, mulheres que saem de suas casas para proporcionar o bem-estar da população carente e dos próprios filhos que muitas vezes não têm o alimento para preparar em suas casas. Algumas comunidades são forçadas a se autossustentar devido a crises. Viabilizar o aproveitamento das perdas e conter a insegurança alimentar, bem como propiciar alternativas de trabalho àqueles menos favorecidos. Essa população também não pode contar com o apoio do estado, então acabam se organizando para conseguir sobreviver assim mesmo.

A solidariedade também entre as organizações sociais e os movimentos populares também se destacam. Sindicatos, associações, movimentos religiosos entre outras organizações da sociedade civil se reuniram para auxiliar no desenvolvimento das atividades e na garantia das doações para que a cozinha comunitária continuasse executando suas funções. Entender como estas ações e organizações atuam é de grande importância para a gestão e para administração enquanto propostas de alternativas a modelos hegemônicos de gestão que tendem à exploração e não à exaltação das possibilidades do espírito humano.

## TABELA ENTREVISTAS

Tabela 1: Entrevistas de Campo

<b>Entrevistada</b>	<b>Função</b>	<b>Relato</b>
1	Cozinheira	“[...] Cada uma tenta ajudar umas às outras, trabalhar organizado, nós somos uma equipe, aí nós trabalhamos sempre juntas. Às vezes a gente reclama das coisas em casa, e a gente vê muita gente que está passando por situações piores do que o da gente, às vezes a gente reclama de barriga cheia.”
2	Cozinheira	“[...] É tão bom a gente sente uma felicidade enorme, quando as pessoas vêm e pegam a sua comidinha, e agradece a gente.[...] Solidariedade no meu pensar, é ajudar o próximo, é conversar com alguma pessoa que às vezes está com dificuldades, porque às vezes a pessoa não está precisando ganhar as coisas, ela está precisando de uma palavra amiga. A semana que eu venho eu fico muito feliz. [...]. Mudou muito, ocupou a minha mente.”
3	Coordenadora Cozinha	“A minha história começou assim foi quando eu perdi minha mãe. Quando eu perdi minha mãe, eu me isolei praticamente do mundo.[...] Comecei a ouvir o pessoal, pedir ajuda. Eu comecei ver a situação que o povo passa, eu fui pegando amor. Poder ajudar, né? Poder ajudar o próximo. [...] Sinto bem. A gente aprende muita coisa. E assim, aí aqui, é assim uma ajuda a outra, ninguém faz nada sozinho, ninguém fica sozinha, sabe?”
4	Cozinheira	“ [...]A gente faz comida com todo amor, [...]Não só me ajudou, como ajuda também, porque a cozinha, de certa forma, me ajuda porque eu levo comida para casa, eles arrumam a cesta pra gente, então é isso aí que eu tô mantendo minha família. Quando chega um morador de rua que fala assim, nossa, estou morrendo de fome, dá uma comida, pelo amor de Deus. Fico dolorida. Se tiver acabado a comida, eu pego na minha marmita. [...]para mim é gratificante. A solidariedade é ajudar o próximo da mesma forma que eu to sendo ajudada. [...]O papel da cozinha na minha vida [...]Veio em uma hora que eu mais precisei e as pessoas que estavam aqui dentro me acolheu. [...] Minha motivação é ver a alegria do povo. Não só de pegar comida, mas também quando chega doações. O sorriso deles, uma criancinha.”
5	Coordenadora Cozinha	“[...]Sou coordenadora da cozinha. Aqui todo mundo faz um trabalho voluntário, doa o seu momento que esteja disponível. [...]As doação, chega, são todas as pessoas que queiram nos ajudar, ver a nossa dificuldade, a nossa situação. Vem da UFU, da ADUFU, então sim, a gente tem umas pessoas que ajuda, nós temos a Lílian, que é uma das colaboradoras que está sempre juntando. A gente tem muito casal de velhinho que às vezes nem vem aqui para pegar comida, mas vem para bater papo. Então, solidariedade e ajudar o próximo é saber do que ele está precisando, que muitas das vezes a gente acha que a gente, até sendo solidário e eu costumo falar assim, que a solidariedade, que eu pratico, não é para as pessoas. [...]. É pedir a cada vez mais quem puder nos ajudar, que tiver jeito, gente. A minha motivação é pedir, porque se vocês nos ajudam, a gente está ajudando.[...] Porque a fome ainda está aí para qualquer um ver, e a minha motivação é estar com saúde, com força e com sabedoria para continuar aqui.”

Fonte: A autora (2023)

Tabela 1: Falas das entrevistadas

<b>Entrevistada</b>	<b>Função</b>	<b>Relato</b>
1	Cozinheira	“[...] Cada uma tenta ajudar umas às outras, trabalhar organizado, nós somos uma equipe, aí nós trabalhamos sempre juntas.”
2	Cozinheira	“[...] Solidariedade no meu pensar, é ajudar o próximo, é conversar com alguma pessoa que às vezes está com dificuldades, porque às vezes a pessoa não está precisando ganhar as coisas, ela está precisando de uma palavra amiga. A semana que eu venho eu fico muito feliz. [...] Mudou muito, ocupou a minha mente.”
3	Coordenadora Cozinha	“[...] Poder ajudar o próximo. E enquanto eu não tiver serviço, eu vou estar aqui fazendo o mesmo papel. Sinto bem. A gente aprende muita coisa. E assim, aí aqui, é assim uma ajuda a outra, ninguém faz nada sozinho, ninguém fica sozinho, sabe?”
4	Cozinheira	“[...]Não só me ajudou, como ajuda também, porque a cozinha, de certa forma, me ajuda porque eu levo comida para casa, eles arrumam a cesta pra gente, então é isso aí que eu tô mantendo minha família.[...] O papel da cozinha na minha vida [...]Veio em uma hora que eu mais precisei e as pessoas que estavam aqui dentro me acolheu. [...]”
5	Coordenadora Cozinha	“[...]Sou coordenadora da cozinha. Aqui todo mundo faz um trabalho voluntário, doa o seu momento que esteja disponível. [...] A minha motivação é pedir, porque se vocês nos ajudam, a gente está ajudando.[...]”

Fonte: A autora (2023)

## REFERÊNCIAS

- ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. *Studying Management Critically*. London: SAGE Publications Ltd, 2003.
- ANDERSON, B. *Sob Três Bandeiras: Anarquismo e Imaginação Anticolonial*. Campinas: Editora Unicamp, 2014.
- ARAUJO, G. E. F.; PAIVA, J. A.; SOUZA, W. J.; MOMO, D. C. Economia solidária à luz do ambiente isonômico de Guerreiro Ramos: vivências do 'Grupo de Mulheres Decididas a Vencer'. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 12, n. 1, p. 58-74, 2013.
- BARCELLOS, R.M.R.; DELLAGNEL, E.H.L; SALLES, H.K *Reposicionando conceitos: a organização fora dos eixos*. *Revista de Administração de Empresas*, V.57, n. 1, p. 10-21, 2017.
- CAMARA, G. D.; GOULART, S.; REINHER, R. M. Appropriation and rationality in hip hop groups organization practices in Porto Alegre: an analysis on the perspective of Guerreiro Ramos. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 8, n. 2, art. 2, p. 209-225, 2010.
- CASAGRANDE, L.; CAMARA, G. D. Liberdade e convivialidade como práticas contra-hegemônicas nas zonas autônomas. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 5, n. 3, p. 115-128, 2011.

CMP BRASIL. Central de Movimentos Populares do Brasil. Portal: Página oficial da CMP. São Paulo. Disponível em: <https://cmpbrasil.org/> . Acesso em: 03 jun. 2023.

CHIESA, C. D.; CAVEDON, N. R. Elementos Anarquistas no Cotidiano de Uma Organização Contemporânea: o Caso da Casa da Cultura Digital de Porto Alegre. GESTÃO.Org -Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 13, n. 1, p. 11-23, 2015.

CIRILO, G.; COSTA, A. L. Auto gestão: um novo/velho modelo em Administração. Gestão & Regionalidade, v. 21, n. 62, p. 36-47, 2005.

COSTEA, B; AMIRIDIS, K. Management education and the humanities: a future together? In: STEYAERT, C.,BEYES, T.,PARKER, M. “The Routledge Companion to Reinventing Management Education”. New York : Routledge, 2016.

GEMELLI, C. E. Capitalismo flexível como propulsor da ideologia gerencialista: um diálogo com Luc Boltanski, Ève Chiapello, Vincent de Gaulejac e Richard Sennett. Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 7, n. 19, p. 738-767, 2020.

GRAEBER, D. Fragments of an Anarchist Anthropology. Chicago: Prickly Paradigm Press. 2004.

GRAEBER, D. Possibilities: Essays on hierarchy, rebellion, and desire. AK Press. 2007  
GOLDMAN, E. Anarchism and Other Essays. New York-London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

HAVEL, H. Biographical Sketch. In: GOLDMAN, E. Anarchism and Other Essays. New York-London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

KROPOTKIN, P. Ajuda Mútua: um fator de evolução. Editora A Senhora, 2009.  
MANSSON, E. Fome e pandemia fazem crescer rede de cozinhas comunitárias em Uberlândia. Folha de São Paulo, SP. Ed. Online, 25 de novembro de 2021.

MOTTA, F. C. P. O que é burocracia. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORGAN, Gareth. Imagens da Organização: São Paulo: Atlas, 1996.

PARKER, M.; FOURNIER, V.; REEDY, P. The Dictionary of Alternatives: Utopianism and Organization. Zed Books, London, UK. 2007.

PARKER, M.; CHENEY, G.; FOURNIER, V.; LAND, C. The Routledge Companion to Alternative Organization, NY. 2014  
PARKER, M.; STOBOROD, K.; SWANN, T. Anarchism, Organization and Management: Critical Perspectives for Students. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.

PAULA, A. P. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; BARRETO, R. O.; KLECHEN, C. F. A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. Revista de Administração de Empresas, v. 50, n. 1, p. 10-23, 2010.

PAULA, A. P. P. Maurício Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. *Revista de Administração Pública*, v. 42, n. 5, p. 949-968, 2008.

PRASAD, A.; PRASAD, P.; MILLS, A. J.; MILLS, J. H. *The Routledge Companion to Critical Management Studies* London: Routledge Taylor & Francis Group, 2016.

PROUDHON, P. J. *O que é a propriedade?* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SESC. Mesa Brasil SESC. Portal: SESC. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/atuacoes/assistencia/mesa-brasil-sesc/> . Acesso em: 03 jun. 2023.

SFERRA, G. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

SINGER, Paul. *Introdução a Economia Solidária*, 1º edição. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002.

SWANN, T.; STOBOROD, K. Did you hear the one about the anarchist manager? *Ephemera: theory & politics in organization*. volume 14(4): 591-609, 2014.

TRAGTENBERG, M. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Unesp, 2004.

TRAGTENBERG, M. Desvendando ideologias. *Revista de Administração de Empresas*, v. 41, n. 3, p. 64-68, 2001.

WALTER, N. *O que é o Anarquismo?* Editora Faísca, 2009.

VASCONCELOS, I. F. G. *Teoria geral da administração*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

WARD, C. *Anarchism: A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford University Press, 2004.